



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

DIATOMÁCEAS

Astênio Fernandes

Membro da Academia Paraibana de Letras

Ao idealizar esta escritura, desejei uma epístola enviada às névoas do além, tendo como destinatários dois eternos amigos: Paulo Gustavo Galvão e Getúlio Gadêlha Dantas. Eles entenderiam texto e contexto. Faltou-me, apenas, o correio. Contudo, creio que outros que estão por cá saberão dosar e qualificar os meus sentimentos.

Segundo a série documental da National Geographic 'One Strange Rock', existe oxigênio oriundo, principalmente, de organismos vivos poucos conhecidos, algas unicelulares, denominados de diatomáceas. Assim, o pulmão do mundo não é a floresta Amazônica e sim os oceanos, pois essas algas conseguem produzir, aproximadamente, 55% do oxigênio do planeta.

Em analogia lírica, o curso de nossas vidas carece de diatomáceas do oxigênio à amizade. Oxigênio espargido a partir de pessoas especiais, amigos. Esses, "são como estrelas: nem sempre podemos ver, mas temos certeza que estão sempre lá".

Garimpado um diamante voltado à amizade, encontrei em Augusto dos Anjos esta elegia, revelando como nos faz triste a perda de um amigo.

Duas Estrofes

A qu/eda do teu lírico arrabil
De um sentimento português ignoto
Lembra Lisboa, bela como um brinco,
Que um dia no ano trágico de mil
E setecentos e cinquenta e cinco,
Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te abençoa.
Tu representas toda essa Lisboa
De glórias quase sobrenaturais,
Apenas com uma diferença triste,
Com a diferença que Lisboa existe
E tu, amigo, não existes mais!

Em diversas culturas, pensadores louvaram a virtude da gratidão. Confúcio, Shakespeare, Cervantes, Goethe, Adam Smith e Immanuel Kant e outros mais. A ingratidão, ao contrário, é considerada falha moral. Observam-se, neste sentido, reflexões contundentes ou amenas, no entanto o retrato da ingratidão sempre afugenta a beleza da amizade.

Citemos algumas sentenças. Johann Goethe: “Ingratidão é uma forma de fraqueza. Jamais conheci homem de valor que fosse ingrato”. Victor Hugo: “Os infelizes são ingratos; isso faz parte da infelicidade deles”. Muslah-Al-Din Saadi: “O coração ingrato assemelha-se ao deserto que sorve com avidez a água do céu e não produz coisa alguma”.

Não se deve ser ácido, lembra-me uma pessoa amada. Todavia, desobediente por força indomável de um temperamento herdado e instigado pela gratidão que carrego em sacrário no meu coração, não receio afirmar: a ingratidão é atitude quase estúpida. O advérbio de modo e intensidade é concessão em respeito à sensibilidade escrupulosa à acidade.

Hoje, saudoso de amigos, revisitei “Tribuna Acadêmica” de Paulo Galvão. Entre seus textos escolhidos, encontrei-me homenageado por afagos de sua amizade. Isso remeteu ao singelo discurso que proferi em sessão solene da Academia Paraibana de Letras quando ele foi “descobrir outros impérios”.

Quando do seu ingresso na Academia de Letras de Campina Grande, doutrinou “Academia, por seu lado, é templo e é cenáculo. Recinto em que se congregam os acadêmicos no intercâmbio de conhecimentos, ideias e aspirações; em que se saciam os mesmos mananciais e se dessedentam das mesmas fontes. É também ara e pira onde se incineram vaidades, arrogâncias, presunções, destemperos – num catabolismo de purificação”. Bela doutrina, atemporal!

Naquela oportunidade, emocionado, concluí o meu pronunciamento cumprindo ensinamento de Goethe: “Quem quiser compreender um poeta deve pôr-se sob seu domínio”. Restei submetido aos seus poemas:

PERECERA

Quem tiver a copa e o canto

A capa e a campa

A crença e a cruz

A faca e a foice

A peça e a praça

Esse permanecerá

PARAÍBA

Sanhauá, pássaro passa rio

Destino amar.

Paraíba, doce pará,

Destino o mar e sal

Quando meu coração parar,

Enterre-o na beira do mar.

A cabeça não.

Esta nunca soube de si.

As mãos não.

As mãos em par

Como asas de pássaro

Voarão.

Hoje acordei ouvindo sussurros de Fernando Pessoa e George Santayana. É preciso ser feliz!

“Aos que a felicidade

É sol, virá à noite.

Mas ao que nada espera

Tudo que vem é grato" (Pessoa).

“A felicidade é a única razão de viver; quando a felicidade falha, a existência torna-se uma louca e lamentável experiência” (Santayana).